

Outrora e Campa

Yara Monteiro

| Angola |

Outrora

Lembras?

Quando eras bicho do céu,
bicho da água, bicho da mata, bicho do âmago?

Lembras

a inteireza da nossa casa, do tempo antigo
onde aflorava vida?

Nossos corpos feitos de terra,
nossos gestos livres, coloridos, irrigados
com a saliva do torrão.

Gestos ainda por analisar, estruturar,
matematizar...

Junto dos teus, que são os nossos,
pulsando imersos
fazendo mundo, criando cosmos?
Nós, os do começo.

Lembras?

No meu colo
mamaste

a seiva verde dos meus potes.

Sugaste

o tanto de caudal vivo transmutado nos casulos.

Farejaste

por entre as colinas

pujança dos campos floridos, matas adensadas.

Tateaste

os caminhos divinos abertos pelos rios neste vasto corpo.

Abriste

rachas, feridas,

ávido de mais, sempre mais,

criatura com fome.

Nem adeus te pude fazer.

Hoje chegas e me matas.

Lembras?

Não lembras.

... e fui eu quem te pariu.

Campa

Para se erguer assentou os pés nos meus ombros.

Me deixou com andar largo

agachada

em ocre argiloso.

Desmata mata,
desmata rata.

Desnuda

Desmatada
Desmata, a mata
e a rata.

Os dentes das correntes
na pele
penetram a mata,
a rata.

Desmata.

Desnuda.

Wap! Vap!
Crack! Prac! Prec!

Decepada.

Sem copas,
arbustos selvagens,
rias vivas.

Sem sopros esvoaçantes,
caminhantes e navegantes.

Canto uma canção fúnebre.

Pego no meu corpo

Parto.
